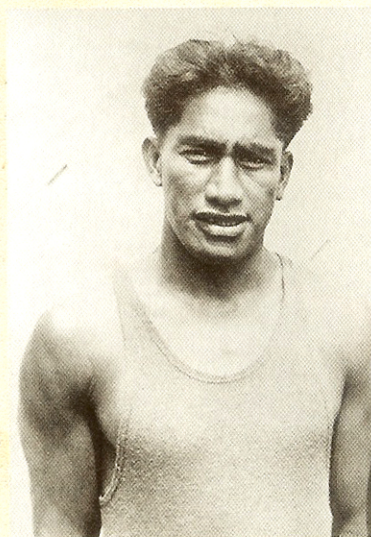




TRADIÇÃO AS PRANCHAS FAVORITAS DE DUKE ERAM DE MADEIRA DE ACÁCIA VERMELHA, COM MAIS DE 4 MÉTROS DE COMPRIMENTO



HULTON-DEUTSCH COLLECTION / CORBIS

DUKE KAHANAMOKU, O PAI DO SURF MODERNO

O havaiano, que morreu há 45 anos, deixou a Califórnia de boca aberta com o seu feito: deslizar nas ondas em cima de uma tábua de madeira

Estávamos em 1912 e nas praias da Califórnia nunca se tinha visto nada assim. Homens, mulheres e crianças acumulavam-se boquiabertos no areal a ver este feito extraordinário: um homem, de pé, em cima de uma tábua de madeira comprida, deslizava pelas ondas. O autor de tal proeza chamava-se Duke Kahanamoku, um havaiano de Honolulu

que ganhou o estatuto de herói nacional americano por bater todos os recordes de natação, incluindo o olímpico nesse mesmo ano. Seria ele a apresentar aos americanos do continente o surf, um desporto já praticado desde tempos remotos no Havai. O homem, de 1,85 metros, batizado com o nome próprio de Duke tal como o seu pai (que

recebera esse nome por causa da visita do príncipe Alfredo, duque de Edimburgo, à ilha), popularizou o surf nas viagens que fez pelo mundo em competições de natação. Na bagagem levava uma tábua de madeira de acácia vermelha, de 4,80 metros e 52 quilos (!) sem quilha, pois esta ainda estava por inventar. Chamava-lhe papa nui e era construída ao estilo das olo, as maiores das antigas pranchas de madeira havaianas. Era com ela que apanhava ondas pelas praias por onde passava, deixando um rasto de admiração nos banhistas mais radicais que o viam. E foi assim que, primeiro no sul da Califórnia e depois em grande parte da América e do mundo, o desporto se popularizou. Na sua carreira, Duke foi cinco vezes campeão olímpico de natação (nos Jogos de 1912, 1920 e 1924), mas seria pelo seu papel de 'pai' do surf moderno que ficaria para a história, endeusado entre as tribos dos adeptos deste desporto. Em 1925, salvou oito pessoas de um naufrágio ao largo da costa de Newport, na Califórnia, usando a sua prancha para as resgatar de uma forte ondulação. O acidente foi grave, tendo feito 17 vítimas mortais. Duke foi mais uma vez considerado herói nacional. Kahanamoku foi ainda ator, desempenhando papéis secundários em filmes de Hollywood, e notável jogador de voleibol. Mas o mar era, sem qualquer dúvida, o seu ambiente. "Fora da água não sou nada", disse. ● **MAFALDA ANJOS**

MAGNUM. HÁ 65 ANOS A FOTOGRAFAR

Era preciso arranjar um nome para a cooperativa e nada melhor do que o da garrafa de champagne XL preferida. Robert Capa não fazia a coisa por menos. Depois de andar uma temporada pelas trincheiras, nas várias guerras que cobriu, festejava com 1,5 litros de champagne Magnum. Seria esse o nome da agência que fundou em 1947. Com Capa estavam outros fotógrafos igualmente notáveis: o francês Henri Cartier-Bresson, o inglês George Rodger e o fotógrafo polaco David Seymour. A guerra foi o seu cenário de eleição desde os anos 30, e aquele onde a Magnum começou por sobressair. Mas se as

ambições eram enormes — fotografar o mundo e os seus conflitos e revoluções —, as condições ao início nem por isso. Ainda assim, no apartamento pequeno na rua Faubourg Saint-Honoré, em Paris, fez-se história. Além de estar onde era preciso, a Magnum pautou-se ao longo da sua história por um certo olhar estético que a distinguiu. "Se a tua fotografia não é boa, é porque não estavas suficientemente próximo", dizia Capa. Ao grupo haveriam de se juntar nos anos seguintes vários outros fotógrafos talentosos, tanto europeus como norte-americanos. E, até hoje, continua a disparar.